

OS JOVENS E O DIREITO À LITERATURA NEGRA: LENDO "QUARTO DE DESPEJO" EM ESCOLAS DA ZONA LESTE PAULISTANA

Autora: Vitoria Fernandes da Silveira

Coordenador: Leonardo Alves da Cunha Carvalho

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO PAULO
Câmpus Avançado São Miguel Paulista



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO - CAMPUS AVANÇADO SÃO MIGUEL PAULISTA
R. Ten. Miguel Délia, 105 - São Miguel Paulista - SP, CEP: 08021-090

INTRODUÇÃO

Protagonista da história da literatura produzida por mulheres negras no Brasil, Carolina Maria de Jesus tem atualmente sua vida e obra revalorizada pela opinião pública, pelo mercado editorial e pelo sistema de ensino. No que diz respeito a este último, pode-se afirmar que a vigência de leis de valorização da história e cultura afrobrasileira na educação tem papel determinante. No esteio das reflexões de Antonio Cândido sobre o direito à literatura, de Michèle Petit sobre a relação de jovens periféricos com a leitura e de Fernanda Miranda sobre a trajetória do romance de mulheres negras na literatura brasileira, a presente pesquisa buscou compreender qualitativamente e na prática a maneira como se dá a recepção da obra *Quarto de Despejo* por estudantes da educação básica em escolas da Zona leste paulistana.

OBJETIVO

Analisar comparativamente a recepção da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, em dois grupos de jovens periféricos em escolas públicas da zona leste paulistana, tendo como norte teórico o direito à literatura, a interseccionalidade e a decolonialidade.

METODOLOGIA

Foram desenvolvidos dois clubes de leitura em escolas públicas de ensino fundamental na Zona Leste paulistana, com o intuito de entender como a recepção do livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, ocorreria entre @s jovens participantes. Desde os impactos do conteúdo do livro, a compreensão de seu contexto de produção e difusão até como a leitura coletiva de uma obra por inteiro seriam recebidos por esses jovens.

A coleta de dados se deu por meio da realização de registros semanais em forma de diário de campo escrito e gravado acerca das rotinas de leitura e de atividades conexas a ela realizadas. A intenção principal dos registros foi captar as percepções acerca do livro e dos temas que ele permitia discutir.



Fonte: <https://revistasapesquisa.fapesp.br/autora-multipla/>
<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/08/artistas-de-sao-miguel-paulista-trazem-resgate-historico-a-murais-da-zona-leste-de-sp.shtml>

Figura 1: imagem da escritora Carolina Maria de Jesus, indo divulgar o seu livro em outro país.

Figura 2: Mural realizados por artistas da Zona Leste paulistana, resgastando a memória de várias personalidades importantes, neste está retratado Carolina Maria de Jesus.

ANÁLISE

A análise foi realizada a partir da releitura e rescuta dos diários de campo produzidos semanalmente sobre os clubes de leitura. Essa sistematização teve dois nortes principais: comparação entre os dados coletados em cada um dos dois clubes e, em seguida, comparação do material empírico com o referencial teórico, com a questão de pesquisa e com algumas hipóteses.

Ao longo dos encontros o número de participantes diminuía, o que se explicava tanto pela falta de interesse no processo de leitura quanto pela existência de outros projetos realizados na escola, oferecendo saberes nas áreas de línguas ou práticas corporais diversas.

Além disso, os grupos tinham diferentes formações: em uma escola, não tínhamos um público fixo e era normalmente composto por meninos, enquanto na outra instituição também tivemos um número reduzido de leitores, mas com presença sistemática e majoritariamente feminina. A questão de gênero - variável analítica fundamental levantada por Petit - trouxe elementos na presente pesquisa também.

Vale mencionar algumas interpretações acerca da obra. Na primeira escola, ao discutirmos a condição social, econômica e territorial de Carolina como narradora, os estudantes não se identificavam nem com ela nem enquanto seres periféricos, apesar de viverem no extremo leste da cidade de São Paulo. Já na segunda escola evidenciou-se maior compreensão acerca do território e da falta de políticas públicas que a região demanda, além de ocorrer maior reconhecimento com a vida da autora - desde suas vivências cotidianas e as questões existenciais que coloca ao longo da narrativa até suas opiniões sobre infraestrutura urbana, política, família, vida e morte.

Em um dos casos, ficou nítida a relação da família com livros e com a leitura. A adolescente relatou que ler não era uma experiência vivida e partilhada por todas as gerações dentro desse núcleo familiar. Teve início com a avó, ávida por livros (apaixonou-se, durante a pesquisa, por "Quarto de despejo") cuja filha não seria leitora - cabendo à neta o fascínio por livros e pela escrita ficcional. Fascínio que ela agora tenta, por meio de diversas estratégias, passar para os irmãos mais novos.



Exemplos de como a análise foi feita:

"8 de julho [...] Fico pensando na vida atribulada e pensando nas palavras do Frei Luiz que nos diz para sermos humildes. Penso: se o Frei Luiz fosse casado e tivesse filhos e ganhasse salário mínimo, ai eu queria ver se o Frei Luiz era humilde. Diz que Deus dá valor só aos que sofrem com resignação. Se o Frei visse os seus filhos comendo generos deteriorados, comidos pelos corvos e ratos, havia de revoltar-se, porque a revolta surge das agruras (JESUS,1960)." Esse foi um dos trechos debatidos no clube de leitura, que acabou desencadeando dois pontos de discussão. O primeiro refere-se às palavras que Frei Luiz disse àquelas pessoas na favela, dizendo como deveriam ser - mas é muito fácil falar de algo que você não vive, do que viver essa situação e seguir com resignação a palavra de outro. O segundo ponto, abordou de forma crítica a utilização do Deus cristão para controlar esses indivíduos ou para que os mesmos se conformem com seu destino.

"16 de junho [...] ...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta (JESUS,1960)." Nesse trecho foi destacada a importância da escritora reafirmar sua identidade e sua origem, além do fato de o que ela produz não está relacionado à cor de sua pele ou de onde ela vem.



Figura 3: Livro "Quarto de Despejo", utilizado para realização dos clubes de leituras.

CONCLUSÕES

Em relação ao direito à literatura, numa das escolas foi relatado que o projeto havia sido o primeiro clube de leitura proposto com o formato de leitura de uma obra inteira. Mesmo outros formatos eram escassos. Apesar de contar com equipamentos como biblioteca e sala de leitura, parece haver outras variáveis que resultam em carência de atividades mais sistemáticas neste sentido.

É visível a dificuldade da leitura de livros por inteiro em instituições de ensino, já que isso não ocorre durante as aulas, nem as próprias bibliotecas desenvolvem atividades nesse sentido para que a comunidade se envolva com o espaço. Um exemplo disso é o centro educacional onde se situa uma das escolas, que dispõe de uma biblioteca que apenas realiza contação de histórias para crianças da educação infantil. Ao mesmo tempo foi possível observar que há acervo de livros e profissionais: o próprio bibliotecário possui uma boa relação com os frequentadores do lugar, mas as iniciativas para o estímulo à leitura parecem insuficientes.

Outro ponto, é sobre as características de gênero do público do clube de leitura no qual ocorreram as discussões mais intensas, majoritariamente composto por meninas. Essa preferência feminina pela leitura foi percebida pela escritora e antropóloga francesa Michèle Petit, que a relaciona ao que chama de medo da interioridade. Por demandar solidão e gerar a conexão com nosso "eu interior", repleto de espaços desconhecidos, a leitura pode afastar indivíduos não sensibilizados à sua prática - que preferem permanecer em atividades em que a coletividade homogeneizante é mais valorizada. Petit sugere (e nossa pesquisa confirma), que é mais comum os meninos sentirem aflição ao ter que lidar com sua interioridade, rechaçando práticas de leitura ou interpretações das leituras que trazem à tona, inclusive, os "espaços vazios" existentes em cada um de nós.

O medo da interioridade também está relacionado ao medo que o livro desperta, desencadeado de diversas maneiras, tanto em ambientes em que o livro é pouco familiar (comum em contextos periféricos); ou ainda à desconfiância com que a leitura é institucionalmente vista, já que sua prática solitária enfraqueceria os laços estabelecidos (Estado, Igreja, Patriarcado, Família e outros).

Outro tópico observado é como a leitura acontece entre os jovens dessa geração. Numa das trajetórias individuais observadas, se destacou a pouca intensidade da experiência leitora intrafamiliar, a pouca presença física de livros no cotidiano doméstico, contraposta apenas pela influência da avó materna. Outro exemplo, encontrado entre os meninos, diz respeito aos tipos de leituras que fazem: a maioria lia apenas mangás, nos quais tendem a se refugiar por temerem a possível chacota dos amigos caso demonstrem interesse por outros tipos de gêneros literários.

Em conversa com uma das participantes do clube de leitura, ela destacou como seria interessante que o projeto tivesse uma continuação e que abrangesse um público maior - principalmente infantil, pois é nessa faixa etária que normalmente desenvolvemos nossa personalidade, costumes, gostos e hábitos, assim podendo ter uma rede muito maior de leitores.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura". Vários escritos. 3ª ed.. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 171-193.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo* : diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo, Ática, 2016. 199 p.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006) : posse da história e colonialidade nacional confrontada Tese de Doutorado em Literatura Brasileira - FFLCH/USP, São Paulo, 2019. 252 p.*
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva. 2ª ed..* Editora 34. São Paulo, 2009. p. 15-189.